

CARVALHO, Graça S.; GONÇALVES, Emília (Enero/Julio 2011). A abordagem da saúde na educação física em Portugal: programas e manuais escolares, e perspectiva dos professores. *Revista Educação Skepsis*, n. 2 – Formación Profesional. Vol. III. La formación profesional desde casos y contextos determinados. São Paulo: skepsis.org. pp. 1901-1935

url: < <http://academiaskepsis.org/revistaEducacao.html> > [ISSN 2177-9163]

RESUMO

Este estudo visa analisar, numa perspectiva de educação para a saúde, a evolução dos programas nacionais de Educação Física nos diversos níveis de ensino, bem como a transposição didáctica para os manuais escolares e efectuada pelos professores. Verifica-se que os programas de Educação Física do 1º ciclo (6-9 anos de idade) não referem nenhum subtema dentro das categorias “Temas de saúde” e “Saúde e qualidade de vida”. Esta não é contemplada nos programas do 2º ciclo (10-11 anos), mas o 3º ciclo (12-14 anos) e o ensino secundário (15-17 anos) referem os conteúdos relacionados com a “saúde”, “qualidade de vida”, “estilo de vida”, “promoção da saúde”, “factores de saúde e risco” e “sedentarismo”; e no programa do ensino secundário, é ainda referida a “educação para a saúde”. Nas entrevistas os professores dos diversos níveis de ensino consideram que o programa não relaciona a Educação Física com a Saúde, mas evidenciam não conhecerem adequadamente os programas e não saberem até que ponto a transposição didáctica para os manuais escolares é fiel aos programas.

PALAVRAS-CHAVE: saúde, educação física, programas escolares, manuais escolares, percepção de professores.

ABSTRACT

This study aims to analyse, in the perspective of health education, how the national Physical Education programmes have evolved at the various levels of education, as well as how the didactic transposition has been carried out to school textbooks and by teachers. It appears that the physical education programs of the 1st cycle (6-9 years old) do not mention any sub-theme within the categories "Health Topics" and "Health and quality of life". The latter is not included in the programs of the 2nd cycle (10-11 years), but the 3rd cycle (12-14 years) and the secondary school (15-17 years) refer contents related to "health", "quality of life", "lifestyle", "health promotion", "health and risk factors" and "sedentarism"; and in the program of secondary school is also mentioned "health education". In the interviews the teachers at different levels of education refer that the program fails to link Physical Education to Health, however it seems they do not know the programmes properly and do not know to what extent the didactic transposition to the textbooks is faithful to the programs.

KEY-WORDS: health, physical education, school programs, textbooks, teachers' perceptions.



A ABORDAGEM DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA EM PORTUGAL: PROGRAMAS E MANUAIS ESCOLARES, E PERSPECTIVA DOS PROFESSORES.

HEALTH APPROACHES IN PHYSICAL EDUCATION IN PORTUGAL: SCHOOL PROGRAMMES AND TEXTBOOKS, AND TEACHERS' PERCEPTIONS.

Graça S. Carvalho¹

Emília Gonçalves²

INTRODUÇÃO

O conceito de **saúde** tem vindo a alterar-se ao longo dos anos, tendo sido considerada, por muito tempo, como mera ausência de doença, mas foi definida em 1948 pela Organização Mundial de Saúde como *um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a*

¹ **Graça Simões de CARVALHO** é Professora Catedrática do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal, desde 1998. É Licenciada em Biologia (Universidade de Coimbra), tem o grau de Mestre em Imunologia (Universidade de Cambridge, UK) bem como em Educação e Promoção da Saúde (King's College London, UK), o doutoramento em Biologia (Universidade de Aveiro) e o título de Agregado na área de Educação para a Saúde. Orientou 12 teses de doutoramento e tem em curso outras 7 teses. Orientou 31 teses de mestrado. Coordenou 1 projeto internacional (19 países) e 6 nacionais. Participou em 5 projetos internacionais e em 9 nacionais. Das numerosas obras que tem publicado nacional e internacionalmente, tem cerca de 50 capítulos de livros e livros, mais de 70 artigos em revistas e mais de 100 textos em atas de reuniões científicas. Salientam-se atualmente as que dizem respeito à Didática da Biologia e à Educação para a Saúde. CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

² **Emília GONÇALVES** é professora de Educação Especial no Agrupamento D. Manuel de Faria e Sousa e Membro Colaborador da Equipa de Investigação do CIEC na Universidade do Minho. É licenciada em Professores do Ensino Básico 2º ciclo na variante de Educação Física (Instituto Superior de Ciências Educativas), tem a especialização em Educação Especial - domínio cognitivo e motor (Instituto Superior de Ciências Educativas) e o grau de Mestre em Estudos da Criança – Área de especialização em Promoção da Saúde e do Meio Ambiente (Universidade do Minho). CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal.



ausência de doença ou enfermidade (OMS, citada por CARVALHO e CARVALHO³). Para BENTO⁴ a saúde é definida como o *óptimo funcional do organismo na totalidade das manifestações activas e recreativas da sua vida, face ao envolvimento natural e social em cada período da existência*. Num sentido mais abrangente, a saúde é agora considerada como um “conceito positivo”, globalizante, compreendendo o ser no seu todo, não o restringindo unicamente à componente física, mas inserindo-o no seu meio, dando-lhe uma dimensão psicológica, social, comunitária, pois o indivíduo é um ser de vida de relação, que deverá ter estilos de vida promotores de um equilíbrio interno, pessoal, individual, mas inseridos em comportamentos de homeostasia social com a comunidade.

Neste sentido foi definida, na CARTA DE OTAVA⁵, a **promoção da saúde**, como sendo um processo que objectiva um aumento da capacidade dos indivíduos e comunidades para controlarem e melhorarem a sua saúde. Entendeu-se como uma estratégia criada no sentido de propiciar uma melhoria na qualidade de vida das pessoas, ultrapassando o conceito restrito de tratamento de doenças (físicas e/ou psíquicas). É, assim, fundamental que as pessoas e as comunidades adquiram competências e se capacitem (“*empowerment*”) para atitudes e comportamentos saudáveis, não apenas no aspecto físico da saúde mas em todas as suas dimensões.⁶

³ CARVALHO, A.; CARVALHO, G.S. (2006). *Educação para a saúde – Conceito, práticas e necessidades de formação*. Camarate: Lusociência. p. 8

⁴ BENTO, J.O. (1991). *Desporto, saúde, vida – Em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte. p. 43

⁵ OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1986). *Carta de Otava para a promoção da saúde*. Lisboa: Divisão da educação para a saúde. Disponível em url: <<http://www.ptacs.pt/Document/Carta%20de%20Otawa.pdf>> [Acesso em 1/03/2011; 18:30h]

⁶ Id., OMS, 1986.



Um dos aspectos de **educação para a saúde** em meio escolar que está associado à promoção da saúde é o conceito de *empowerment*, centrado no aluno, que destaca a importância da aquisição do conhecimento associado a valores e práticas (CLÉMENT⁷; CARVALHO e Clément⁸; CARVALHO⁹) através de discussões de grupo e de pesquisas no âmbito do próprio ensino. Esta aquisição estruturada valorizá-lo-á no sentido de formar a sua própria identidade e aclarar os seus valores, podendo a partir daí criar competências para a tomada de decisões fundamentadas, quer a nível individual quer comunitário (Carvalho e Carvalho^{10;11}). O programa nacional de Educação Física elege a escola como *a grande promotora da saúde das crianças e da família*¹², visando capacitar as crianças de competências que lhes permitam realizar o seu projecto de vida de forma consciente e responsável a nível pessoal e comunitário.¹³ As crianças podem assim contribuir como transmissoras de práticas saudáveis através da comunicação dos conhecimentos à

⁷ CLÉMENT, P. (2006). Didactic Transposition and KVP Model: Conceptions as Interactions Between Scientific knowledge. *Values and Social Practices*, ESERA Summer School, Braga: Universidade do Minho, pp.9-18.

⁸ CARVALHO, G.S.; CLÉMENT, P. (2007). Projecto 'Educação em Biologia, educação para a saúde e Educação ambiental para uma melhor cidadania': análise de manuais escolares e concepções de professores de 19 países (europeus, africanos e do próximo oriente). *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 7, pp. 1-21.

⁹ CARVALHO, G.S. (2009). A transposição didáctica e o ensino da biologia. In: A.M.A. Caldeira e E.S.N.N. Araujo (Org.). *Introdução à Didática da Biologia*. São Paulo: Escrituras. pp. 34-57.

¹⁰ Id., CARVALHO, 2006.

¹¹ CARVALHO, G.S.; CARVALHO, A. (18.06.2010). Axes of values in health education: Identification, characterisation and application to students of seven university courses. In: *XIV IOSTE Symposium (International Organisation for Science and Technology Education) – Socio-cultural and human values in Science and Technology Education*, Bled, Slovenia, 13.

¹² ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2006). *Protocolo entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde*. Disponível em url: http://sitio.dgidc.min-edu.pt/saude/Documents/1_ProtocoloMEMS.pdf [Acesso em 1/03/2011; 19:00h] p. 1

¹³ Id., ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006.



comunidade, principalmente aos familiares próximos.¹⁴ A educação para a saúde deve desenvolver nas crianças capacidades para identificarem e solucionarem problemas com a finalidade de ultrapassar obstáculos que as privam de estilos de vida saudáveis. Neste âmbito, MOREL *et al.* refere mesmo que *se na adolescência prevenção e cuidados são dificilmente dissociáveis, qualquer acto educativo é a priori favorável à saúde e, inversamente, o interesse pela saúde é um suporte educativo primordial.*¹⁵

Cada vez mais é associada a **actividade física** e exercício à promoção da saúde, atribuindo-lhes um estatuto de comportamentos de saúde, similar aos cuidados de saúde primários, à alimentação, à precaução de vícios nocivos e de comportamentos que contemplem riscos de saúde. Os comportamentos de risco são considerados condutas próprias susceptíveis de reprovação pela sociedade, efectuadas pelos indivíduos e consideradas “perigosas”.¹⁶ Os três factores de risco que mais se evidenciam nos tempos actuais são o sedentarismo, a obesidade e o tabagismo (BARATA¹⁷; MS¹⁸). Cabe às famílias fomentar aprendizagens e inculcar responsabilidades decorrentes de comportamentos de risco, e cabe à escola demonstrar as responsabilidades de cidadania e a autonomia do indivíduo para aprender a geri-los, tendo a sociedade o papel de tentar

¹⁴ CORREIA, M. (1995). *Qualidade de vida e questões regionais*. Tavira: Postal do Algarve.

¹⁵ MOREL, A.; BOULANGER, M.; HERVÉ, F.; TONNELET, G. (2001). *Prevenção das toxicomanias*. Lisboa: Climepsi Editores. p. 72

¹⁶ MATOS, M.; EQUIPA DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL E SAÚDE (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois)*. Lisboa: Edições FMH.

¹⁷ BARATA, T. (2003). *Mexa-se... pela sua saúde*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

¹⁸ MS – Ministério da Saúde. (2011). *Plataforma contra a obesidade*. <http://www.portaldasauade.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/ministerio/comunicacao/discursos+e+intervencoes/arquivo/plataforma+obesidade.htm> [Acesso em 1/03/2011; 19:15h]

encontrar o equilíbrio através da implementação de sistemas de regulação política, legislativa e social.¹⁹

A actividade física, considerada como um benefício para a saúde, favorece a criação de hábitos saudáveis ao longo da vida e deve ser desenvolvida desde a infância, o que contribui também para a implementação e manutenção de estilos de vida saudáveis²⁰ e a aquisição de atitudes e comportamentos entre colegas, facilitando a integração no grupo e na sociedade.²¹ A idade escolar, período correspondente ao auge da formação da personalidade (embora se dilate ao longo da vida), é a etapa onde se assimilam conceitos e regras educativas com maior facilidade. Desenvolver a educação para a saúde em meio escolar constitui um investimento a longo prazo: por um lado permite “*criar uma geração de jovens saudáveis*”, por outro a informação por eles adquirida ajuda-os a adoptarem estilos de vida saudáveis, afastando-se mais facilmente de comportamentos de risco. Neste sentido vê-se diminuída a despesa com a saúde, cuja poupança poderá ser revertida para o tratamento de outras doenças. Por outro lado é através dos filhos que muitas vezes se educam os pais²², os quais poderão também vir a adquirir estilos de vida mais saudáveis.

¹⁹ Id., MOREL, 2001.

²⁰ MATOS, M.G.; SARDINHA, L.B. (1999). Estilos de vida activos e qualidade de vida, In: Sardinha, L.B.; Matos, M.G.; Loureiro, I. *Promoção da Saúde - Modelos e práticas de intervenção nos âmbitos da actividade física, nutrição e tabagismo*. Porto: Campo das Letras.

²¹ LYNCE, N.; VIRELLA, D. (1997). As crianças e a actividade física. In Barata, T. et al. *Actividade Física e Medicina Moderna*. Póvoa de Santo Adrião: Europress.

²² Id., CORREIA, 1995.

As aprendizagens psicomotoras fundamentais realizam-se até aos dez anos de idade, ou seja, até ao final do 1.º ciclo²³, daí ser impreterível uma actividade motora bem programada, com experiências concretas e definidas para o seu melhor desenvolvimento. Com o decorrer das actividades em grupo, as crianças desenvolvem a amizade, o companheirismo, a cordialidade, o respeito por si e pelo outro, a autoconfiança, a consciência do seu espaço, da sua individualidade e a noção de cooperação, da existência de algo para além do “eu”, a noção do “outro”, ou seja, um número infinito de noções que, gradualmente, se vão interiorizando com as situações que surgem no dia-a-dia do grupo e desenvolvem a sua maturidade.²⁴

A **Educação Física** é uma disciplina curricular contemplada em todos os anos de escolaridade, de carácter obrigatório e leccionada por docentes capacitados academicamente. Reúne finalidades que vão sendo alteradas ao longo dos níveis de escolaridade, adaptadas às idades dos alunos e que convergem para o mesmo fim, a qualidade de vida, saúde e bem-estar pleno de cada criança. Articula matérias nucleares (obrigatórias) e alternativas (opção da escola) que poderão ser adoptadas localmente aproveitando recursos existentes na escola ou na comunidade envolvente e que contribuam como um acréscimo para os alunos. Estabelece quatro princípios fundamentais:²⁵

²³ ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1998). *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico 1º Ciclo*. Departamento da Educação Básica. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação.

²⁴ Id., ME, 1998.

²⁵ ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Programa de Educação Física do 3.º ciclo*. Departamento do Ensino Básico. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação.



- Uma actividade física *motivadora*, em quantidade e qualidade que garanta assegurar as necessidades de aperfeiçoamento do público-alvo;
- Promove a *autonomia* de cada criança incumbindo-as de responsabilidades para organizar ideias e solucionar problemas;
- Valoriza a *criatividade* em aspectos que dinamizem as actividades e se repercutam em efeitos positivos;
- A *sociabilidade* no sentido de trabalho em equipa, fomentando e espírito de entreatajuda para uma abertura relacional entre todo o grupo.

Kirk (1993 referido por GOMES et al.²⁶) refere a importância das escolas como instituição onde se desenvolvem os processos educacionais formais e informais do desenvolvimento do corpo e destaca a Educação Física e o desporto como o conjunto das práticas que influenciam positivamente na edificação do corpo. Por sua vez, JENSEN²⁷ denota que as crianças que praticam uma actividade física diária apresentam níveis superiores na preparação física motora, bem como no desempenho académico e na própria postura perante a escola. Revela ainda que cada criança preparará melhor o seu cérebro para responder mais rapidamente a qualquer desafio proposto.

A actividade física adequada à idade da criança é deveras indispensável, daí a sua importância e permanência na escola ao longo

²⁶ GOMES, P.B.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. (2000). *Equidade na Educação – Educação Física e desporto na escola*. Queijas: Multitema.

²⁷ JENSEN, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – um guia para pais e educadores*. Porto: Edições Asa.



dos anos de escolaridade. Principalmente dos 6 aos 10 anos, a actividade física deverá ser considerada sob dois pontos de vista²⁸:

- *Da actividade*: sendo fundamental e implicando dinamismo de natureza psico-motora;
- *Do aluno*: avaliando e interagindo de acordo com as capacidades psico-motoras de cada um, indo ao encontro dos seus interesses e êxito nas relações afectivas e sociais.

A escola é um grande meio de promoção da actividade física não só pela manutenção dessa actividade mas também na dinamização e conservação de hábitos ao longo da vida. Neste sentido é importante que esteja preparada para poder ir ao encontro das expectativas dos alunos nas várias vertentes que a actividade física lhes poderá proporcionar. Deve ser regulada e adaptada às características de quem a pratica, podendo transformar-se na “melhor ou pior das coisas”. Praticada de forma correcta, constitui um factor de desenvolvimento biopsicológico, mas de forma incorrecta, como a prática de uma actividade inadequada à idade ou treinos demasiado intensos, pode transformar-se em situações de risco muito nefastas ao organismo. Estas situações são especialmente sensíveis em crianças, adolescentes e idosos.²⁹

Na sequência do acima exposto, o presente estudo pretende analisar, numa perspectiva de educação para a saúde, a evolução dos programas de Educação Física do Ministério da Educação e a transposição didáctica realizada pelos docentes, desses mesmos programas, em cada

²⁸ ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (s/d). *Educação Física – Organização Curricular e Programa*. Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação.

²⁹ NUNES, L. (1999). *A prescrição da actividade física*. Lisboa: Caminho.



nível de ensino: 1º ciclo (6-9 anos de idade), 2º ciclo (10-11 anos), 3º ciclo (12-14 anos) e ensino secundário (15-17 anos).

1. METODOLOGIA

A nossa investigação apresenta-se dividida em duas partes: na primeira analisaram-se os programas de Educação Física do ME (por análise de conteúdo) e, na segunda, analisou-se a percepção dos professores de Educação Física (por entrevistas), como descrito em mais detalhe por GONÇALVES.³⁰

Para a análise dos programas aplicámos a metodologia de análise de conteúdo, técnica de investigação que possibilita uma descrição sistemática e quantitativa do conteúdo a investigar. Sendo uma técnica abrangente no seu campo de acção permite-nos encontrar um sistema de ideias que nos ajude a definir e compreender melhor o nosso estudo (PARDAL e CORREIA³¹; BARDIN³²; FRANCO³³). Decidimos, após uma leitura flutuante, agrupar em duas categorias, os itens que nos propusemos analisar:

- *Temas de saúde*: alimentação; higiene; obesidade; sexualidade;
- *Saúde e qualidade de vida*: saúde/saudável; qualidade de vida; estilo de vida saudável; promoção da saúde; educação para a saúde; factores de saúde e risco; sedentarismo.

³⁰ GONÇALVES, E. (2006). Conteúdos de saúde nos programas de Educação Física do ensino básico e secundário e perspectiva de professores. Dissertação (Mestrado). Universidade do Minho: Braga.

³¹ PARDAL, L.; CORREIA, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

³² BARDIN, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

³³ FRANCO, M. L. P. B. (2008). *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber Livro.



O método de recolha de informação usado para analisar a percepção dos docentes de Educação Física relativamente à nossa pergunta de investigação foi a entrevista. Este método, para além de se distinguir por ter uma interacção humana em contacto directo, permite a possibilidade de serem extraídos dados muito importantes e variados.³⁴

A amostra do nosso estudo foi constituída por docentes que leccionam a disciplina de Educação Física. Foram realizadas entrevistas a sete professores: quatro do 1.º ciclo do ensino básico, sendo um de cada ano de escolaridade; e um docente de cada um dos outros níveis de ensino: 2º ciclo, 3º ciclo e ensino secundário. Aos docentes do 1.º ciclo foi realizada uma entrevista diferente dos restantes ciclos pela peculiaridade da Expressão e Educação Físico-Motora estar incluída no Plano curricular do 1.º ciclo do ensino básico, ser leccionada pelo mesmo docente (regime de monodocência) e compreender diferentes conteúdos tal como diferentes formas de actuação perante o programa.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Programas de Educação Física

O presente estudo foi realizado com base na análise de conteúdo dos programas de Educação Física **Anteriores** (3.º ciclo e ensino secundário) e **Actuais** (1.º, 2.º, 3.º ciclos e do ensino secundário). Como os programas do 1.º e 2.º ciclo estavam ainda a ser reajustados, não nos foi possível alargar a comparação a todos os níveis de ensino.

³⁴ QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. (1992). Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva.



Partindo de uma pesquisa exaustiva de todos os programas retirámos itens que julgámos pertinentes para a nossa análise e englobámo-los em dois temas chave: "Temas de saúde" e "Saúde e qualidade de vida".

No que concerne ao primeiro tema chave "**Temas de saúde**" que engloba os subtemas "alimentação", "higiene", "obesidade" e "sexualidade", deparámo-nos com uma referência pouco significativo à "alimentação" (Tabela 1) que é dada apenas como um exemplo "*Relaciona Aptidão Física e Saúde e identifica os factores associados a um estilo de vida saudável, (...) a alimentação, (...)*". Uma maior preocupação é dada aos hábitos de higiene: "*Conhecer e interpretar factores de saúde e risco associados à prática das actividades físicas e aplicar regras de higiene e de segurança*". De notar a falta de sensibilidade para com os temas tão actuais com são actualmente a "obesidade" e a "sexualidade", esta referida como educação sexual.

TABELA 1 – Frequência do tema chave "Temas de saúde" nos programas *Actuais* de Educação Física dos diferentes níveis do ensino português

Temas de Saúde	Programa Actual			
	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário
Alimentação	0	1	1	2
Higiene	1	1	3	2
Obesidade	0	0	0	0
Sexualidade	1	0	0	0

Podemos verificar na Tabela 2 a evolução, embora pequena e ainda pouco expressiva, dos subtemas pesquisados nos programas *Anteriores* e *Actuais* de Educação Física.

TABELA 2 – Frequência do tema chave “*Temas de saúde*” nos programas *Anterior* e *Actual* de Educação Física

Temas de Saúde	Programa <i>Anterior</i> e <i>Actual</i>			
	3.º Ciclo		Secundário	
	<i>Anterior</i>	<i>Actual</i>	<i>Anterior</i>	<i>Actual</i>
Alimentação	0	1	1	2
Higiene	1	3	0	2
Obesidade	0	0	0	0
Sexualidade	0	0	1	0

No segundo tema chave “**Saúde e qualidade de vida**” – que inclui os subtemas “saúde/saudável”, “aptidão física”, “qualidade de vida”, “estilo de vida saudável”, “promoção da saúde”, “educação para a saúde”, “factores de saúde e risco” e “sedentarismo” – podemos verificar que no 1.º e 2.º ciclo estes subtemas não se encontram mencionados (Tabela 3) com uma simples excepção para “saúde/saudável”. Os programas do 3.º ciclo e do ensino secundário referem estes itens como um factor importante na melhoria da saúde ao longo da vida (Tabela 3).

TABELA 3 – Frequência do tema chave “Saúde e qualidade de vida” nos programas *Actuais* de Educação Física dos diferentes níveis do ensino português

Saúde e qualidade de Vida	Programa <i>Actual</i>			
	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Secundário
Saúde / Saudável	0	1	10	14
Qualidade de vida	0	0	1	2
Estilo de vida	0	0	1	1
Promoção da saúde	0	0	1	2
Educação para a saúde	0	0	0	1
Factores de saúde e risco	0	0	3	4
Sedentarismo	0	0	1	1

A Tabela 4 mostra que dos programas *Anteriores* para os *Actuais*, há alguma evolução, especialmente no subtema “saúde/saudável”. “Saudável” é referido, na maioria das vezes, na Zona Saudável de Aptidão Física (ZSAF) enquanto que “saúde” surge mais na relação EF – Saúde: “*Relaciona Aptidão Física e Saúde e identifica os factores associados a um estilo de vida saudável, (...)*”.

ZSAF- Bateria de testes *Fitnessgram*.

TABELA 4 –Frequência do tema chave “Saúde e qualidade de vida” nos programas *Anterior* e *Actual* de Educação Física

Saúde e Qualidade de Vida	Programa <i>Anterior</i> e <i>Actual</i>			
	3.º Ciclo		Secundário	
	<i>Anterior</i>	<i>Actual</i>	<i>Anterior</i>	<i>Actual</i>
Saúde / Saudável	3	10	5	14
Qualidade de vida	0	1	2	2
Estilo de vida	0	1	1	1
Promoção da saúde	0	1	0	2
Educação para a saúde	0	0	0	1
Factores de saúde e risco	2	3	2	4
Sedentarismo	0	1	0	1

Os subtemas “Qualidade de vida”, “Estilos de vida”, “Promoção da saúde” e “Educação para a saúde” evidenciam a actividade física e a saúde como uma contribuição para a melhoria da qualidade de vida, saúde e bem-estar.

O subtema “Factores de saúde e risco” surge como “*Conhecer e interpretar factores de saúde e risco associados à prática das actividades físicas e aplicar regras de higiene e de segurança*”. O “Sedentarismo” não era contemplado nos programas *Anteriores*, mas nos *Actuais* (tanto no 3º ciclo como no ensino secundário) é mencionado uma única vez, tal como no exemplo: “*Identifica fenómenos associados a limitações das possibilidades de prática das Actividades físicas, da Aptidão Física e da Saúde dos indivíduos e das populações, tais como: o sedentarismo (...).*”

3.2. PERCEÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA/ SAÚDE

O estudo de caso tem como finalidade verificar qual a opinião de cada docente em relação ao programa nacional, aos manuais escolares, à Educação Física e à relação existente entre a Educação Física e saúde leccionada pelo grupo, numa dada Instituição.

Para uma análise clara e sucinta do nosso estudo resolvemos englobar, em quatro grupos, as questões que julgamos ser mais pertinentes: "Programa nacional de Educação Física", "Manuais escolares de Educação Física", "Educação Física na escola" e "Educação Física e Saúde".

No que respeita ao **programa nacional de Educação Física**, na opinião dos docentes do 1.º ciclo, acham-no pouco "importante", não o conhecem bem e não o seguem devido ao facto de as restantes matérias lhes absorverem quase todo o tempo lectivo e, por vezes, não chegarem sequer a leccionar a Educação Física (Quadro 1). Os docentes de educação Física dos restantes níveis de ensino lamentam as condições das escolas, a rotação dos espaços e o material, que deveria ser mais diversificado (no que respeita aos desportos base) e referem ainda que os novos programas vão mais ao encontro dos alunos, no que respeita à possibilidade de escolha das modalidades por parte dos alunos (Quadro 1).



**QUADRO 1 – Percepção dos docentes sobre o programa nacional
de
Educação Física e Desporto**

Docente do 1.º Ciclo	<i>D1. “Acho que o programa terá lá tudo aquilo que é preciso fazer mas não tenho nada uma opinião muito favorável”</i>
	<i>D2. “É muito rudimentar, muito curto, tem muito pouco para fazer a nível do 1.º ciclo”</i>
	<i>D3. “Acho que é importante mas no meu caso, dado o número de alunos e o tempo que dispomos para os acompanhar, torna-se quase impossível trabalhar”</i>
	<i>D4. “Conheço muito pouco, muito sinceramente conheço pouco porque ponho muito pouco em prática”</i>
Docente do 2.º Ciclo	<i>“O programa podia ser mais diversificado no sentido de... as disciplinas nucleares são muito mais chamadas à atenção e nós fazemos maior apelo a isso e damos mais essas disciplinas, no entanto há outras que podiam ser trabalhadas e estão como actividades suplementares ou complementares do programa”</i>
Docente do 3.º Ciclo	<i>“Continua quase sempre na mesma porque depende muito das condições de cada instituição e a pessoa tem que se cingir ao número de colegas, aos espaços e ao material. O programa tem que ir de encontro a isso”</i>
Docente do Secundário / Desporto	<i>“De Educação Física acho que minimamente está correcto mas realço que nos novos programas (...) vai mais ao interesse dos alunos. A participação deles na escolha das modalidades que querem praticar é ideia óptima”</i>

D1 – Docente do 1º ano; D2 – Docente do 2º ano; D3 – Docente do 3º ano; D4 – Docente do 4º ano.

No que diz respeito à área de **saúde**, questionámos “qual a sua opinião em relação à área de saúde?”

O docente do 1.º ano considera que, em relação às restantes áreas, a área de saúde está “desfasada”, enquanto que a opinião do docente do 3.º ano diz exactamente o contrário, que é “muito boa” (Quadro 2). Os

restantes docentes do 1.º ciclo (do 2º e do 4º ano) partilham da opinião de que o programa, na área de Estudo do Meio, já abrange alguns itens importantes sobre saúde embora esqueçam outros. Os professores referem ainda que algumas matérias não estão adaptadas à idade dos alunos.

Nos restantes níveis de ensino, cada docente partilha de uma opinião muito própria. Assim, o docente do 2.º ciclo refere que o programa usufrui de uma linguagem muito técnica e científica, mas devemos realçar que o programa não constitui material pedagógico para o aluno, mas sim um auxiliar de referência e apoio para o professor, o qual deve estar preparado para compreender essa linguagem técnico-científica.

O docente do ensino secundário denota um maior conhecimento ao referir que o programa *Anterior* abordava questões que passavam pela higiene e funções do organismo e o actual refere outros problemas de saúde, embora não especifique quais.

QUADRO 2 – Percepção dos docentes sobre a componente de saúde

Docente do 1.º Ciclo	<i>D1. “Assunto realmente desfasado em relação às áreas”</i>
	<i>D2. “A nível de estudo do meio já abrange algumas matérias importantes (...) poderia trazer mais (...) abolir algumas porque tem algumas difíceis em determinadas idades”</i>
	<i>D3. “Muito boa, acho que devem ser trabalhadas para incutir determinados hábitos nas crianças”</i>
	<i>D4. “Há conteúdos que se debate muito (...) há outros que ficam (...) mais esquecidos (...) é o caso da droga, do álcool (...)”</i>
Docente do 2.º Ciclo	<i>“O programa está feito de uma forma muito técnica e muito específica, (...) numa linguagem muito científica”</i>
Docente do 3.º Ciclo	<i>“Acho que está na mesma”</i>

Docente do Secundário/Desporto	<i>“Está a melhorar, havia temas que habitualmente não eram abordados, passava só por questões de higiene, como é que funcionava o nosso organismo, nesta altura estão alertados para outros problemas de saúde”</i>
---------------------------------------	--

D1 – Docente do 1º ano; **D2** – Docente do 2º ano; **D3** – Docente do 3º ano; **D4** – Docente do 4º ano.

Questionámos também os professores se *“do programa antigo para o novo houve alguma alteração, na área de saúde, que já há algum tempo pensava ser inevitável?”*

O docente do segundo ciclo respondeu que as alterações foram mínimas não evidenciando nenhuma como exemplo. Os docentes do terceiro ciclo e secundário/ desporto referiram alguns exemplos como destaca o Quadro 3: alimentação, hábitos saudáveis e tabagismo.

QUADRO 3 – Percepção dos docentes sobre a alteração do programa antigo para o novo, na área de saúde

Docente do 2.º Ciclo	<i>“Creio que são adaptações e correcções naturais, não há grandes alterações”</i>
Docente do 3.º Ciclo	<i>“Sim, principalmente a nível da alimentação, de hábitos de vida, não é? Tabagismo, tudo isso, antigamente não se falava tanto”</i>
Docente do Secundário/Desporto	<i>“Sim, a abordagem, por exemplo, à especialização precoce”</i>

Quando questionamos os docentes se *“há algum subtema, na área de saúde, que não conste no programa e gostaria de abordar ao ano que lecciona?”*

As respostas obtidas foram claras, só o docente do ensino secundário é que referiu alguns exemplos que não estão explícitos no programa (Quadro 4).

**QUADRO 4 – Subtemas da preferência dos docentes,
ausentes no programa nacional**

Docente do 2.º Ciclo	<i>“Creio que o que está lá é suficiente”</i>
Docente do 3.º Ciclo	<i>“Subtema, hum... não estou a ver”</i>
Docente do Secundário/Deporto	<i>“Há muitos miúdos com asma, com sopro cardíaco, com diabetes, com obesidade e certamente se estivesse lá no programa, se estivesse nos manuais dizia-lhes muito respeito aquilo”</i>

Devido ao facto de não existirem manuais de Expressão e Educação Físico-Motora para o 1.º ciclo, as questões referentes aos manuais escolares foram somente dirigidas aos docentes dos restantes níveis de ensino. Para melhor compreendermos a transposição didáctica dos programas nacionais para os manuais escolares quisemos saber qual a opinião desses docentes em relação aos manuais pois são os auxiliares, por excelência, dos professores.

Perguntámos *“qual a sua opinião relativamente à adaptação, feita pelas editoras, do programa para os manuais escolares?”*

Nesta resposta todos os docentes foram unânimes em referir que os manuais abordam os tópicos dos programas da melhor maneira possível.

No que respeita aos conteúdos programáticos de cada manual escolar interrogamos os docentes com a seguinte pergunta *“o manual*

escolar, na sua opinião, tem os conteúdos bem explícitos, adaptados à idade dos alunos?”

Só o docente do ensino secundário mencionou que, devido à evolução que já demonstram os alunos, o vocabulário dos manuais é acessível. Nos restantes níveis de ensino referem claramente que se encontra desadequado do vocabulário a que os jovens estão habituados (Quadro 5).

QUADRO 5 – Opinião dos docentes sobre a explicitação dos conteúdos dos manuais escolares

Docente do 2.º Ciclo	<i>“Acho que a linguagem não está adaptada (...) acho que em relação à saúde eles (editores) às vezes trazem livrinhos de apoio pequenos, até acetatos, etc. acho que esta parte da saúde deveriam trazer tipo bandas desenhadas”</i>
Docente do 3.º Ciclo	<i>“Eu não acho que a nível do 3.º ciclo está muito adaptado, é quase uma continuação do 2.º ciclo. Acho que os exercícios repetem-se muito a nível do 3.º ciclo”</i>
Docente do Secundário/D esporte	<i>“No nível secundário já têm vocabulário mais evoluído e por isso já é muito mais aceite e está muito melhor elaborado do que os programas de alguns manuais, por exemplo do 2.º ciclo”</i>

Relativamente à educação e expressão Físico-Motora no 1.º ciclo perguntámos *“como pensa que deveria ser leccionada a Educação Físico-Motora no primeiro ciclo e por quem?”*

A descrição feita por estes docentes mostra o quanto é importante um professor que saiba quais as áreas a trabalhar em cada idade específica, descrevem-nos que não têm formação específica e admitem que não são capazes de o fazer (Quadro 6).



QUADRO 6 – Opinião dos docentes do 1.º ciclo sobre quem deverá leccionar as aulas de Expressão e Educação Físico-Motora

D1	<i>“O programa do 1.º ciclo é muito vasto (...) eu acho que o ideal mesmo seria que as crianças tivessem um professor de educação física porque também seria uma ajuda para nós, (...)”</i>
D2	<i>“(...)Acho que essas áreas, áreas de expressão, deveriam realmente ser dadas por um especialista, por uma pessoa formada nessas áreas e semanalmente, pelo menos uma hora semanal acho que era fundamental (...)”</i>
D3	<i>“(...) não me importava de ser eu a leccioná-la porque acho que até para nós é bom (...)”</i>
D4	<i>“Olhe penso que em 1º lugar deveria ser obrigatório o uso de manual para todos os alunos (...) e a educação física deveria ser dada por um professor formado em educação física (...)”</i>

À pergunta “por onde se orientam para realizar a Expressão e educação físico-motora?”, os docentes do primeiro ciclo responderam que o fazem de duas formas distintas: ou de improviso ou por um conjunto de fotocópias “livrinho” que contém jogos. Os docentes dos restantes níveis de ensino orientam-se maioritariamente pelo manual (Quadro 7).

QUADRO 7 – Por onde se orienta cada docente para leccionar as aulas de Educação Física

Docente do 1.º Ciclo	<i>D1. “Normalmente oriento-me por um livro de ... com vários jogos que tem como objectivos desenvolver perícias nas crianças...”</i>
	<i>D2. “Por mim mesma, crio eu o programa, pois”</i>
	<i>D3. “Tenho um livrinho na sala com áreas de expressão através de jogos, de actividades que tem lá... oriento-me por lá”</i>
	<i>D4. “Por lado nenhum, oriento-me por aquilo que conheço, pelos jogos tradicionais”</i>
Docente do 2.º Ciclo	<i>“Pelo manual”</i>
Docente do 3.º Ciclo	<i>“Pelo manual que o grupo adopta.”</i>

Docente do Secundário/Desporto	<i>“Habitualmente vou sempre consultar os manuais e o programa e depois faço uma pesquisa individual em outros livros científicos”</i>
---------------------------------------	--

Questionámos ainda os mesmos docentes quanto à organização dos tempos lectivos, se *“têm em atenção o número de sessões semanais e a forma como são distribuídas ao longo da semana?”*

Todos os docentes responderam que esta planificação semanal é feita pelo grupo de Educação Física da Instituição no início do ano lectivo, de forma coerente e organizada em relação a todas as turmas e aos horários das refeições.

Relativamente ao tema **Educação Física e saúde** colocamos questões diferenciadas para o primeiro ciclo e restantes níveis de ensino devido ao facto de serem diferentes os programas, os conteúdos dos manuais, à redução e simplificação da informação que o material em estudo contém e à maior facilidade de análise e compreensão.

Dado o conteúdo da questão anterior ter sido muito deficitário, questionamos se *“no programa de estudo do meio há algumas referências que relacionem a educação Físico-Motora com saúde, no ano que lecciona?”*

A esta pergunta cada docente referiu muito vagamente o que nele é abordado, dando escassos exemplos (Quadro 8).



QUADRO 8 – Opinião dos docentes do 1º ciclo sobre o conteúdo do programa de Estudo do Meio relativamente à Expressão e Educação Físico-Motora e Saúde, no ano que leccionam

D1	<i>“Por exemplo as posturas correctas é uma delas, não é? (...) hábitos alimentares, higiene.”</i>
D2	<i>“Não, a não ser as caminhadas ao ar livre, se isso se pode considerar educação Físico-Motora (...) fazer actividade ao ar livre.”</i>
D3	<i>“Alimentação, damos a roda dos alimentos e a partir daí aproveitou-se para dizer quais são os que eles devem comer mais e comer menos para essa tal saúde, não é? Também é importante a alimentação (...)”</i>
D4	<i>“Talvez a parte respiratória, o sistema respiratório em que diz o correr, o inspira e expira ou fazer esse tipo de exercício para eles aprenderem, talvez.”</i>

De seguida perguntámos se *“ao leccionar costuma relacionar Educação Física com saúde de forma rotineira ou esporádica? Em que aspectos?”*

Com esta questão desejávamos que os docentes abordassem aspectos como: alimentação/ nutrição, dieta; promoção da saúde, prevenção da doença, estilos de vida, qualidade de vida, longevidade, etc. Os docentes limitaram-se a responder que é inevitável não relacionar. Mas na segunda questão: *“em que aspectos?”*, verificámos que os docentes ficaram muito aquém das nossas expectativas pois abordaram o tema de forma muito superficial (Quadro 9).

QUADRO 9 – Aspectos em que é relacionada a Educação Física e Saúde durante as aulas

Docente do 2.º Ciclo	<i>“Relaciono sempre. Nos aspectos dos benefícios que traz para o organismo e funcionamento que o organismo precisa de estar bem, bem não vamos dizer em forma mas, em termos físicos, bem equilibrados no sentido para ter uma melhor qualidade de vida”</i>
Docente do 3.º Ciclo	<i>“Rotineira. Tento sempre que o exercício tenha um objectivo, quer para fazer melhor, não é, quer em termos de saúde. Mas mais num aspecto positivo”</i>
Docente do Secundário/Desporto	<i>“É inevitável, principalmente nas turmas de desporto tem que ser sistemático e da forma positiva, já se sabe que quando se trata da dopagem ou coisa assim do género temos que falar pela negativa porque temos que mostrar os malefícios”</i>

3. INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao longo dos programas *Actuais* de Educação Física os conteúdos relativos à saúde pouco são abordados. A “alimentação” é referida como um exemplo de promoção da saúde mas não se encontram definidas as vantagens, ou as consequências que podem advir se forem quebradas as regras e, como há gastos calóricos e perda de água por parte dos alunos na actividade física; não há qualquer referência particular sobre este aspecto.

Pouco se revela sobre a “higiene”, prende-se no conhecimento de factores de saúde e risco mas não os define nem entra em pormenores como por exemplo no porquê da importância do banho no final do treino ou o porquê do uso de equipamento diferente do usado no quotidiano. Sabemos que “aplicar regras de higiene” compreende os pontos referidos anteriormente mas se os manuais escolares não evidenciarem estes

pormenores os docentes não os transmitirão nas aulas visto que nas entrevistas referem que seguem os manuais.

Um dos conteúdos apresentados que não emerge dos programas *Actuais* de Educação Física é a “obesidade”, o que denota uma falta de sensibilidade para com um tema tão actual com que se debate a sociedade portuguesa, e que é uma das prioridades de preocupação dos próprios Ministérios da Educação³⁵ e da Saúde.³⁶

A “sexualidade” é outro tema que também não é abordado nos programas *Actuais* de Educação Física, sendo, no entanto, também uma das prioridades do Ministério da Educação sob a designação de “Educação sexual em meio escolar”.³⁷ Do mesmo modo a sexualidade não é mencionada por nenhum docente nas entrevistas efectuadas. Sendo referido no programa *Anterior* do ensino secundário como um factor que contribui para a construção da personalidade e do relacionamento do ser humano, porquê aboli-lo no *Actual* em vez de o alargar aos restantes programas?

A “qualidade de vida”, “estilo de vida”, “promoção da saúde” e “educação para a saúde” são conceitos outrora pouco debatidos mas que hoje são mais abordados. Os programas revelam uma maior preocupação em definir estilos promotores de saúde relacionados com a prática da actividade física.

³⁵ ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2011). *Alimentação e Actividade Física*. DGIDC. Disponível em url: <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/saude/Paginas/Alimentacao_Actividade-Fisica.aspx> [Acesso em 1/03/2011; 18:20h]

³⁶ MS – MINISTÉRIO DA SAÚDE (2011). *Plataforma contra a obesidade*. Disponível em url: <<http://www.portaldasauade.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/ministerio/comunicacao/discursos+e+inter+vencoes/arquivo/plataforma+obesidade.htm>> [Acesso em 1/03/2011; 18:25h]

³⁷ Id., ME, 2011.



Os “factores de saúde e risco” são ainda apresentados como um todo e não aparecem definidos, nem a título de exemplo. Se nos programas fossem, pelo menos, tidos como exemplo alguns desses factores, os docentes acabariam por os mencionar. Um dos docentes refere mesmo que se existisse essa alusão nos programas, conseqüentemente apareceria nos manuais escolares, o que seria benéfico para os alunos.

O “sedentarismo” é outro conceito que só aparece referido, como um exemplo, nos manuais do 3.º ciclo e do ensino secundário. Numa sociedade revestida de jogos de computadores, pouca actividade física, de índices elevados de obesidade infantil, entre outros factores, torna-se difícil acreditar que este termo não abranja ainda todos os níveis de ensino e não se torne um factor a definir e interpretar profundamente.

No que se refere às entrevistas, cada docente tentou responder da forma mais rápida, passiva e sem argumentos de suporte para sustentar as suas convicções e afirmações. Das questões colocadas aos docentes entrevistados, concluímos que poucos são os docentes que aparentam ter um conhecimento abrangente dos conteúdos dos programas nacionais. Dizemo-lo pela forma como os classificaram: “rudimentar”, “curto”, “quase impossível trabalhar”, “quase sempre na mesma” ou mesmo “não tenho uma opinião muito favorável”, verificando-se uma falta de consistência e justificação nas respostas dadas.

Sobre a componente de “saúde” nos programas podemos concluir o mesmo. Assim, no 1.º ciclo um dos docentes refere que a componente de saúde está “desfasada”, outro menciona que “é muito boa” outro refere ainda que “há conteúdos que ficaram esquecidos”. Deparámo-nos com



opiniões divergentes e pouca consistência dentro do mesmo grupo. O docente do ensino secundário dá uma resposta coerente ao que se pergunta embora não especifique. Refere que anteriormente abordava mais questões de higiene e funções do organismo e que agora referem “outros problemas de saúde”.

Existe uma confusão entre os conteúdos do programa nacional e os manuais escolares. Alguns referem que os programas estão feitos de uma forma muito técnica, específica e científica mas é evidente que os programas são um documento de análise e interpretação dos professores e os manuais escolares, esses sim, um auxiliar de estudo dos alunos. Não podemos deixar de referir que em termos práticos, os manuais constituem um elemento precioso para o professor orientar e preparar as suas aulas (Carvalho et al.^{38,39}).

Em relação à alteração do programa *Anterior* para o *Actual* há respostas pouco consistentes mas surpreendentes: o docente do 2.º ciclo refere que são adaptações e correcções naturais. Mas como pode ser, se o programa ainda não foi reajustado ou alterado? O docente do 3.º ciclo refere o tabagismo como uma alteração na área de saúde. O tabagismo não é referido em nenhum dos programas, são referidos factores de risco, e esses não foram alterados, existindo nos dois programas. Em relação às restantes respostas verificámos que os docentes apresentam uma certa timidez, passividade ou desconhecimento sobre as questões propostas devido à singeleza das respostas e muitas incertezas proferidas.

³⁸ Id., CARVALHO, 2009, pp. 34-57.

³⁹ CARVALHO, G.S.; TRACANA, R.B.; SKUJIENE, G.; TURCINAVICIENE, J. (2011). Trends in Environmental Education images of textbooks from Western and Eastern European countries and non-European countries. *International Journal of Science Education*. (DOI:10.1080/09500693.2011.556831).



Relativamente aos manuais escolares, da opinião dos docentes concluímos que é realizada uma transposição didáctica “de acordo com o programa” como refere o docente do 3.º ciclo; ou “bem-feita” como diz o do 2.º ciclo, que acrescenta que “não há nenhum que aborde” todos os conteúdos do programa; ou ainda que “depende dos manuais” refere o docente do 3.º ciclo; ou ainda “seria exaustivo”, como defende o docente do ensino secundário. Na nossa opinião para ser efectuada uma transposição didáctica completa e bem sucedida deveria abordar todos os conteúdos de uma forma coerente e organizada. Denota-se aqui uma incongruência nas respostas dadas. O mesmo se apresenta em relação à explicitação dos conteúdos no 2.º e 3.º ciclos pois referem que a linguagem não se encontra adaptada aos alunos mas referem que a transposição didáctica está “bem feita”. Pensamos que a transposição didáctica realizada pelas editoras implica que o conteúdo esteja adaptado ao público-alvo. Os alunos deverão começar a ter a noção, desde cedo, dos termos correctos.

No que diz respeito à Educação Física na escola, os docentes do 1.º ciclo partilham da opinião de que deveria haver um docente para leccionar a Educação Física e ser obrigatório o uso de um manual. A Educação Física é leccionada uma hora por semana (quando é leccionada e quando é uma hora) pois o docente do 3.º ano só lecciona 30 minutos e o do 4.º ano refere “não cumpro (...) só quando tenho tempo”. A Educação Física no 1º ciclo depende muito de cada docente pois não há uma “inspecção” que permita verificar se o programa está ou não a ser cumprido tal como a carga horária ou o próprio horário semanal. Os docentes do 1.º ciclo orientam-se normalmente pela própria “criatividade” através de jogos tradicionais que conhecem ou então por livros de jogos que adquirem e



não planificam as aulas, fazem “o que surge na hora”. Os docentes dos restantes níveis de ensino orientam-se pelos manuais escolares. Na opinião dos docentes há muitos alunos que sonham com um futuro desportivo, principalmente no futebol devido aos seus ídolos, mas não se notam grandes influências por parte dos pais na prática de nenhuma modalidade desportiva, dando prioridade aos filhos para essa escolha.

As respostas obtidas pelos docentes no que concerne à área de saúde na disciplina são muito limitadas. No 1.º ciclo a saúde é leccionada “quando é mencionada nos manuais” como refere o docente do 1.º e do 4.º ano ou “sempre que a oportunidade surge” como refere o docente do 2.º ano, remetendo a abordagem à saúde para a área de Estudo do Meio. Assim sendo, dependendo do ano de escolaridade em que o aluno se encontra, se no programa de Estudo do Meio não existir uma alusão à importância da actividade física para a melhoria da saúde de cada criança, por certo não será mencionada pelo docente. Nos restantes níveis de ensino os docentes referem que relacionam sempre a Educação Física com a saúde para a obtenção de uma melhor qualidade de vida. Quando questionados nos aspectos em que a leccionam, a maioria refere que através de *feedback* positivo evidenciando os aspectos benéficos. O docente do ensino secundário refere ainda que lhes dá a conhecer aspectos negativos, como o caso do *doping*, como forma de conhecer factores de risco.

CONCLUSÕES

Como conclusão final, os resultados mostram que o tema chave do presente estudo – “Saúde e qualidade de vida” – ainda não é contemplado nos programas do 1º e 2º ciclos, mas o 3º ciclo e o ensino



secundário já referem conteúdos relacionados com a “saúde”, “qualidade de vida”, “estilo de vida”, “promoção da saúde”, “factores de saúde e risco” e “sedentarismo”. No programa do ensino secundário é ainda referida a “educação para a saúde”. Há uma pequena tendência de dar mais importância aos aspectos relacionados com a “saúde”, “promoção da saúde” e “factores de saúde e risco” nos programas *Actuais* quando comparados com os *Anteriores*. No entanto, e no cômputo geral, os programas pouca referência fazem aos aspectos de saúde relacionados com a prática da actividade física. Por sua vez os professores entrevistados do 1º ciclo consideram o programa extenso e que não relaciona a Educação Física à saúde. Os docentes dos restantes níveis de ensino partilham da mesma opinião, acrescentam a dificuldade em transmitir conteúdos relacionados com a saúde devido ao amplo programa que se lhes apresentam. Os professores mostraram não conhecerem adequadamente os programas *Actuais* e não saberem até que ponto a transposição didáctica para os manuais escolares é fiel aos programas.

Daqui resulta a necessidade de os programas portugueses de Educação Física darem mais atenção às questões de saúde com ela relacionadas, por forma a serem transpostos para os manuais escolares e assim tais conceitos de actividade física e saúde virem a ser trabalhados pelos professores e alunos com vista a criarem condições para uma eficaz promoção da saúde.



AGRADECIMENTOS

Este trabalho teve o apoio financeiro do projecto Europeu FP6, STREP "Biohead-Citizen" (CIT2-CT-2004-506015), do projecto da FCT "Análise de manuais escolares" (PTDC/CED/65224/2006) e do centro de investigação CIFPEC/CIEC (unidade 644/317 da FCT).



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIBROS

- BARATA, T. (2003). *Mexa-se... pela sua saúde*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- BARDIN, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BENTO, J.O. (1991). *Desporto, saúde, vida – Em defesa do desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CARVALHO, A.; CARVALHO, G.S. (2006). *Educação para a saúde – Conceito, práticas e necessidades de formação*. Camarate: Lusociência.
- CARVALHO, G.S. (2006). Criação de ambientes favoráveis para a promoção de estilos de vida saudáveis. In Pereira, B. O.; Carvalho, G.S. *Actividade Física, Saúde e Lazer – A infância e estilos de vida saudáveis*. Lousã: Lidel.
- CORREIA, M. (1995). *Qualidade de vida e questões regionais*. Tavira: Postal do Algarve.
- FRANCO, M. L. P. B. (2008). *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber Livro.
- GOMES, P.B.; SILVA, P.; QUEIRÓS, P. (2000). *Equidade na Educação – Educação Física e desporto na escola*. Queijas: Multitema.
- JENSEN, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – um guia para pais e educadores*. Porto: Edições Asa.
- LYNCE, N.; VIRELLA, D. (1997). As crianças e a actividade física. In BARATA, T. *Actividade Física e Medicina Moderna*. Póvoa de Santo Adrião: Europress, 1997.
- MATOS, M.; EQUIPA DO PROJECTO AVENTURA SOCIAL E SAÚDE (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois)*. Lisboa: Edições FMH.
- MATOS, M.G.; SARDINHA, L.B. (1999). Estilos de vida activos e qualidade de vida, In: Sardinha, L.B.; Matos, M.G.; Loureiro, I. *Promoção da Saúde - Modelos e práticas de intervenção nos âmbitos da actividade física, nutrição e tabagismo*. Porto: Campo das Letras.
- PARDAL, L.; CORREIA, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

REVISTAS CIENTÍFICAS

- CARVALHO, G. S.; JOURDAN, D.; GONÇALVES, A.; DANTAS, C.; BERGER, D. (2009). Addictive substances: Textbook approaches from 16 countries. *Journal of Biological Education*, n. 44, vol. 1, pp. 26–30.
- CARVALHO, G.S. (2009). A transposição didáctica e o ensino da biologia. In: A.M.A. Caldeira e E.S.N.N. Araujo (Org.). *Introdução à Didáctica da Biologia*. São Paulo: Escrituras. pp. 34-57.



CARVALHO, G.S.; CLÉMENT, P. (2007). Projecto 'Educação em Biologia, educação para a saúde e Educação ambiental para uma melhor cidadania': análise de manuais escolares e concepções de professores de 19 países (europeus, africanos e do próximo oriente). *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 7, pp. 1-21.

CARVALHO, G.S.; TRACANA, R.B.; SKUJIENE, G.; TURCINAVICIENE, J. (2011). Trends in Environmental Education images of textbooks from Western and Eastern European countries and non-European countries. *International Journal of Science Education*. (no prelo).

CLÉMENT, P. (2006). Didactic Transposition and KVP Model: Conceptions as Interactions Between Scientific knowledge. *Values and Social Practices*, ESERA Summer School, Braga: Universidade do Minho, pp.9-18.

* * *

DOCUMENTOS DE CONGRESOS

CARVALHO, G.S.; CARVALHO, A. (18.06.2010). Axes of values in health education: Identification, characterisation and application to students of seven university courses. In: *XIV IOSTE Symposium (International Organisation for Science and Technology Education) – Socio-cultural and human values in Science and Technology Education*, Bled, Slovenia, 13.

MACHADO, P.; RIBEIRO, J.L. (1991). Efeitos psicológicos da actividade física. In: BENTO, J.; MARQUES, A. *Actas das jornadas científicas Desporto, Saúde, Bem-estar*, 8-10 de Dezembro de 1988. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

TESES E DISSERTAÇÕES

GONÇALVES, E. (2006). Conteúdos de saúde nos programas de Educação Física do ensino básico e secundário e perspectiva de professores. Dissertação (Mestrado). Universidade do Minho: Braga.

DOCUMENTOS OFICIAIS

ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1998). *Organização Curricular e Programas, Ensino Básico 1º Ciclo*. Departamento da Educação Básica. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação.

ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2001). *Programa de Educação Física do 3.º ciclo*. Departamento do Ensino Básico. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação.

ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2006). *Protocolo entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde*. Disponível em url: http://sitio.dgidc.min-edu.pt/saude/Documents/1_ProtocoloMEMS.pdf [Acesso em 1/03/2011; 19:00h]

ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2011). *Alimentação e Actividade Física*. DGIDC. Disponível em url: http://sitio.dgidc.min-edu.pt/saude/Paginas/Alimentacao_Actividade-Fisica.aspx [Acesso em 1/03/2011: 18:40h]



ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2011b). *Educação sexual em meio escolar*. DGIDC, 2011b. Disponível em url: <<http://sitio.dgidc.min-edu.pt/saude/Paginas/Sexualidade.aspx> > [Acesso em 1/03/2011; 18:45h]

ME – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (s/d). *Educação Física – Organização Curricular e Programa*. Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação.

MOREL, A.; BOULANGER, M.; HERVÉ, F.; TONNELET, G. (2001). *Prevenção das toxicomanias*. Lisboa: Climepsi Editores.

MS – MINISTÉRIO DA SAÚDE (2011). *Plataforma contra a obesidade*. Disponível em url: <<http://www.portaldasaude.pt/portal/conteudos/a+saude+em+portugal/ministerio/comunicacao/discursos+e+intervencoes/arquivo/plataforma+obesidade.htm>> [Acesso em 1/03/2011; 19:15h]

NUNES, L. (1999). *A prescrição da actividade física*. Lisboa: Caminho.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (1986). *Carta de Otava para a promoção da saúde*. Lisboa: Divisão da educação para a saúde. Disponível em url: <<http://www.ptacs.pt/Document/Carta%20de%20Otawa.pdf> > [Acesso em 1/03/2011; 18:30h]

